

### 3 – A vida no tráfico

cotidianos de uma sociedade que não se reconhece

Otávio Cruz Neto  
Marcelo Rasga Moreira  
Luiz Fernando Mazzei Sucena

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CRUZ NETO, O., MOREIRA, MR., and SUCENA, LFM. A vida no tráfico: cotidianos de uma sociedade que não se reconhece. In: *Nem soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, pp. 123-150. ISBN: 978-85-7541-519-1. Available from: doi: [10.7476/9788575415191](https://doi.org/10.7476/9788575415191). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ds48k/epub/cruz-9788575415191.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 3

## *A Vida no Tráfico:*

### *cotidianos de uma sociedade que não se reconhece*

*I*r para a ‘pista’, ‘passar a droga’, ‘lombrar’, trocar tiro com ‘os alemão’, ‘dar derrame’, ‘xisnovar’, ‘entrar para o bonde’<sup>3</sup> ... fragmentos de um cotidiano carioca que enquanto estiveram territorialmente restritos aos morros e favelas do município, por mais próximos que fossem do ‘asfalto’, puderam ser encarados por determinados segmentos da sociedade e do poder público como eventos remotos, focais e, se não totalmente desprezados, pelo menos relegados a preocupações subalternas, em geral ‘casos de polícia’.

A expansão globalizante do mercado ilícito das drogas e o incremento do poderio bélico do tráfico deslindaram essa proposta secessora e tornaram-se diretamente responsáveis pelo rompimento de uma fronteira sociopolítico-econômica e pela reunificação da cidade que, para aqueles, precisava ser partida, mesmo que o ‘outro lado’ ficasse a poucos minutos e metros de distância. De forma trágica, a conjunção entre lucro e morte tem demonstrado para uma sociedade que sente dificuldades em se reconhecer, que o dia-a-dia dos jovens

---

<sup>3</sup> Ao final deste livro é apresentado um glossário que propicia ao leitor melhor compreensão dos termos utilizados pelos jovens.

envolvidos com o tráfico de drogas não pode ser compreendido como um movimento apartado, um universo virtual.

É este dia-a-dia que chamamos de ‘vida no tráfico’. Conforme visto no ‘perfil’, delimitá-la não é tarefa tranquila, visto que a plenitude de sua diversidade multicultural, além de inatingível, multiplica-se e difunde-se a cada momento, o que, apesar de tudo, em nada inviabiliza a proposta de retratá-la e compreendê-la.

O primeiro passo é evidenciar que, embora ela promova a conciliação e a participação dos diversos segmentos que são essenciais para o sucesso do mercado das drogas – consumidores, atacadistas, reinvestidores do lucro obtido... –, só lhes é específica nos momentos em que os tangencia. Cada um deles tem cotidianos característicos, que, em determinadas situações, interagem diretamente com o dos jovens envolvidos com o varejo de drogas, o que não significa que possam ser analisados pelo mesmo prisma. Agir assim é pressupor que o jovem que passa a noite vendendo cocaína com medo da chegada da polícia tem uma vida semelhante à daquele que a compra e vai cheirá-la em uma festa no Leblon, da qual também participam empresários especializados em ‘lavar’ e ‘esquentar’ dinheiro ilícito.

A ‘vida no tráfico’ à qual nos referimos é, portanto, o cotidiano dos jovens que participam do varejo das drogas, daqueles que, diante do acúmulo de vulnerabilidades, aceitaram que a inserção na estrutura do tráfico poderia ser uma possibilidade de existência coletiva, pertencimento social e até mesmo de sobrevivência pessoal. Adotar uma resposta única e lapidar sobre as motivações que os levaram a desenvolver e a praticar essa opção constituir-se-ia uma atitude demasiadamente superficial e injusta, sobretudo diante da origem notadamente pluricausal do problema. Há que se investigar conformidades e assimetrias com os padrões de relacionamento socialmente aceitos, semelhanças e peculiaridades, superfícies e contextos aprofundados.

Sob esse aspecto, poderíamos indagar: em que medida a participação no tráfico de drogas apresentaria características semelhantes e díspares à atitude do jovem de classe média que, juntamente com seus amigos de colégio, resolve formar uma banda de rock, bradar palavras de ordem acerca da liberação da maconha, consumir drogas servidas em bandejas em festas privadas, ficar famoso, ser desejado pelas mulheres e tratado como ‘maluco beleza’ pela sociedade?

Se há uma clara isomorfia no campo das necessidades – cuja principal parece ser participar ativamente da sociedade como um ator destacado –, a cisão encontra-se na semântica das possibilidades e oportunidades, que gravitam

e concentram-se em torno dos que possuem um capital (financeiro e humano) previamente acumulado, concretizando-se nos meios encontrados para atingir os resultados. As condições de luta pela sobrevivência, competição, ascensão social e *status* são brutalmente desiguais. Somente nesse contexto a ‘vida no tráfico’ pode apresentar-se como possibilidade ilícita, porém concreta, o que significa que o processo de sua análise deve ser deflagrado menos pela investigação de suas próprias peculiaridades do que pelo conjunto de relações e eventos ocorridos na sociedade carioca e que influenciaram seu surgimento e acirramento.

Se no primeiro capítulo centramos nossa preocupação no âmbito das políticas públicas, analisemos a situação, momentaneamente, pelo prisma do mercado. Enquanto seus segmentos ‘legais’ multiplicam o fechar de portas para os integrantes das classes mais pauperizadas da sociedade – que, por não atenderem ao perfil do ‘trabalhador moderno’, passam a ser tachados de ‘desqualificados’ – o tráfico de drogas amplia seus negócios, abre novas ‘vagas’ e apresenta como estratégia expansionista o fato de não exigir de sua mão-de-obra pré-requisitos como os que podem ser visualizados no artigo ‘O profissional que faz a diferença’, publicado na revista *Agitação* (1999) do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), como resultado de um de seus *workshops*:

*“Qualidades que as Empresas Procuram nos Profissionais:*

Boa apresentação;  
Perspicaz/Analítico;  
Criativo/Flexível;  
Dinâmico/Energético;  
Responsável/Dedicado;  
Equilíbrio emocional;  
Capacidade de atuar em equipe;  
Ambicioso e Ousado;  
Perseverante;  
Otimista/Automotivado;  
Conhecimento de informática;  
Qualidade de vida/Saudável;  
Bom nível cultural;  
Expressão oral e escrita;  
Domínio de outros idiomas.”

Ao compararmos o absurdo grau de exigências, muitas questionáveis ética e legalmente (Que é ter ‘boa aparência’ e ser ‘saudável’? Que critérios balizam a ‘criatividade’ e a ‘ambição’? Que significa ser ‘flexível?’), ao perfil traçado no capítulo anterior, verificamos como são reduzidas as chances de aqueles jovens ingressarem em atividades laborativas socialmente valorizadas, o que contribui para cada vez mais afastá-los de uma existência dentro dos padrões de conforto e bem-estar amplamente difundidos pela mídia.

Se é verdade que a rotina do trabalhador humilde, que é mal remunerado, desgasta-se muito e não tem recursos nem tempo para divertir-se é desdenhada por eles – especialmente porque já a conhecem por experiência própria, ou pelo exemplo dos pais –, também o é que até mesmo essa possibilidade está-lhes sendo negada.

Excluídos tanto do acesso pleno a seus direitos de cidadão quanto do processo de produção e distribuição de bens e mercadorias, um número cada vez maior de jovens cariocas aceita participar do ‘varejo das drogas’, a fim de tentar superar suas vulnerabilidades e incluir-se na sociedade. Apesar de ser uma escolha que, para muitos, vem revestida de constrangimentos, essa atitude revela uma tentativa de aproximar-se o máximo possível de um padrão de ‘legalidade’, pois leva em consideração que, apesar de ser criminalizada, em seu fundamento básico, ela constituir-se-ia em uma atividade comercial, cujo consumidor não é obrigado ou coagido pelas armas a comprar drogas. O dinheiro oriundo da ‘vida no tráfico’ não é tomado ou roubado de outrem, é obtido com a venda da força de trabalho que possibilita o comércio das drogas.

Sob esse aspecto (e não o de seus desdobramentos), vender drogas não está no mesmo diapasão do roubo, do furto e do crime do colarinho branco: se não houvesse demanda, não haveria oferta. A questão complexifica-se ainda mais quando se constata que dentre os consumidores figuram cidadãos bem-sucedidos, personalidades incensadas pela mídia, políticos de diferentes matizes... um contingente de adultos e jovens muito mais numeroso do que o formado pelos que vendem.

A peculiaridade primaz da ‘vida no tráfico’ é, pois, revelar o nível de exclusão de uma determinada sociedade. Antes mesmo do medo, esse desvendar produz estranhamento. Para determinados segmentos é como se o *glamour* da cidade maravilhosa fosse ameaçado por uma atividade que ‘de repente’ tornou-se tão próxima. Não se reconhecem como atores sociais que participaram, de uma forma ou de outra, da construção desse cenário. Para eles, não só os traficantes

não podem fazer parte desta sociedade – a ‘sua’ sociedade –, nem devem conviver com os ‘cidadãos de bem’. Seus protestos estendem-se àqueles cuja condição de vulnerabilidade é mais visível, encarando-os como potenciais criminosos que precisariam ser punidos, presos cada vez mais jovens para não se tornarem adultos ainda mais problemáticos. Chauí, em 1979, já denunciava esta postura: “Ser pobre é ser culpado”.

Ao estranhamento e ao medo une-se a preocupação com sua vinculação (direta ou indireta, ativa ou negligente) à gênese e ao aprofundamento dos problemas públicos. É preciso desviar as atenções, (des)focalizando-as sob o manto da justiça, do interesse da sociedade, da paz e da ordem. Torna-se claro um dos pressupostos estruturais que forjam as concepções jurídico-repressivas hoje tão em voga e que representam a exclusão dos excluídos, a superação dialética da contradição social por intermédio de uma proposta autoritária, persecutória e preconceituosa.

Os jovens envolvidos com o tráfico de drogas fazem parte da sociedade e sua participação não os transforma em ‘soldados’ e ‘inimigos’, nem os afasta dos problemas com que a população convive. Pelo contrário: acrescenta vários outros! Uma análise mais detida em seu ‘perfil’ ilustra como os problemas que enfrentam não foram superados por sua inserção no tráfico de drogas, nem deixaram de existir e de fustigá-los diariamente.

Neste capítulo e no próximo pretendemos, por meio dos depoimentos dos jovens, acentuar e demonstrar como se desenvolve a ‘vida no tráfico’. É interessante observar que, de forma distinta a de outros estudos, os entrevistados residiam e participavam do varejo das drogas nas mais variadas áreas do Rio de Janeiro. Ao contrário do que se poderia supor, a diversidade de informações não atomizou ou desconfigurou as relações travadas em seus cotidianos, fornecendo dados suficientes para constatar padrões de ação homogêneos e vinculados, além de situações persistentes e regulares. Em nosso ver, tal constatação reforça e amplia a análise de Misse (1999), segundo a qual as redes de domínio local e sociabilidade vinculadas a atividades ilícitas já estavam forjadas nessas localidades antes da potencialização do tráfico de drogas, registrando-se mais uma continuidade do que propriamente uma ruptura do domínio local pelo ‘movimento’. Também não é de hoje a relação de organizações criminosas com setores ‘legais’ da sociedade, por intermédio de troca de favores, subornos e violência descabida, criando um verdadeiro mercado paralelo que realimenta cada vez mais a atividade ilícita.

## Por que os jovens entram para o tráfico de drogas?

*“Alguns é falta de trabalho. Outros já é porque quer comprar roupa de marca. Tem uns que fala que se envolve que é para ajudar a família, mas na verdade nem ajuda a família. O cara às vezes fica com medo de falar e gasta dinheiro na pouca vergonha. Às vezes os que é viciado gasta em pó ou maconha. Outros ganha, gasta em mulher, hotel. O tráfico... vamos supor: desde pequeno nós só anda junto. Aí você se envolve. Aí eu ando contigo e tu tá passando. Aí tu: ‘pô, me dá uma ajuda aí. Só passagem’. Aí tu vai e ajuda, começa a se envolver. Vai passando, passando. Depois outro que também anda contigo também acaba se envolvendo, aí vai assim. Se você tiver trabalhando tu não vai se envolver. Agora se tiver à toa...”*

O poder de síntese desse depoimento é impressionante, conseguindo amalgamar considerável parcela das motivações que os outros 87 jovens identificaram como as responsáveis pela inserção no tráfico de drogas e que podem ser assim agrupadas:

### Condição socioeconômica:

*“Têm muitas pessoas que entram por pobreza. Quer comer do bom e do melhor; quer fazer do bom e do melhor”; “Têm umas coisas também da sociedade que fica maltratando também. Aí nisso vai criando revolta”; “Esses dias mesmo, eu tava dentro do ônibus. Eu vi um menor pedindo dinheiro pra comer, pedindo, chorando pra dentro do ônibus pedindo um dinheiro para comer. Ninguém queria dar um dinheiro pro menor comer a comida. Aí por isso que às vezes as pessoas se revolta, né? Aí rouba, trafica.”; “Tá muito difícil para trabalhar. Ainda mais os jovens que moram em comunidade. Anda, anda, anda para procurar um serviço e nunca tem. Aí chega numa boca de fumo, toda semana é cem reais. Ganha cinqüenta reais em cada carga. Num dia, se a boca de fumo vender dez cargas é quinhentos reais que o vapor tira. Quem vai querer outra vida? Porque aonde é que um trabalho vai poder lhe dar dinheiro? Ganha cento e trinta por mês, para poder comprar uma roupa? Pô, um trabalho não dá nem para comprar uma roupa, ir no baile funk, ir pra um hotel. Cê vai fazer isso vai morrer de fome.”*

### Status e poder de sedução:

*“Por causa da aventura. Você tem tudo o que quer. Porque conquista tudo o que você quer. Porque acha que o colega é fortão, é durão, e também quer ser. A gente vê os filmes quer fazer também”; “Por causa da fama e do sucesso”; “Talvez até por aventura. Ficar trocando tiro, mexer com arma. Empolgação na hora, essa coisa aí.”; “Pô! É dinheiro mole. É fama que você tem, entendeu?”; “É mulher também. Porque pô, tem o cara que tem um problema de pegar mulher. O cara anda mal-arrumado, não tem condição de arrumar mulher. A mulher nem dá bola. Aí o cara vai, começa a melhorar de vida. Começa a andar arrumado de uma hora para outra. Começa a ter dinheiro fácil. Aí as mulher começa a dar mole. Fica mole”; “Depois que entra para o tráfico o cara é bem mais respeitado na comunidade. Temido também. As mulher perde a linha na gente, que a gente tem muito dinheiro, né? Elas*

*perde a linha mesmo. Que elas sabe que um trabalhador não vai dar a ela o que a gente vai dar. Então hoje em dia a maioria dessas meninas de quinze anos tudo quer namorar bandido. Elas são iludida por bandido. Elas acha que o bandido tem dinheiro, banca elas. E elas também gosta de falar no colégio ou pra outras amigas que namora fulano que é bandido, sicrano que é bandido”; “Pensa que é onda: Ah! Vou entrar pro tráfico que aí vou ganhar muito dinheiro e mulher. Aí entra pensando que é mil maravilhas. Quando chega lá é atirado como bucha. Fica de bucha para os outros. Quando vê já tá devendo para a boca.”*

Influência dos que já estão no tráfico:

*“o pessoal fala: pô, cara, vombora pro tráfico. O cara vai dar dinheiro, tu vai arrumar muita mulher... e essas conversinha que eles manda, essas lorotinha. Aí o bobinho cai, entra e vai indo, caindo ali. Depois que vê, já tá todo afundado”; “Você já é cria do morro. Aí, de repente, o dono do morro me viu desse tamaninho, pequininho. Aí você já vai conversando, já questiona com os caras: Pô, e aí? Queria conversar com fulano de tal pra mim vê se eu panho uma boquinha pra mim aí. Tô na finalidade de me botar aí pra arrumar um dinheiro, né? Aí eles te leva diretamente ou te dá o telefone se o cara tiver preso. Aí tu desenrola seu papo.”*

Drogas:

*“Algumas pessoas não tem a condição pra se drogar. Assim entra no tráfico”; “A pessoa geralmente não entra para o tráfico direto. Começa se viciando primeiro. Depois começa a ver uma pessoa passando de arma bonita. Aí começa a se misturar no meio, começa a pegar aquelas amizade ruim. Aí, dali se torna um bandido”; “O cara tá necessitando muito da droga, aí ele pensa logo em entrar pro tráfico. Porque no tráfico você mesmo tem sua droga, você vende a droga, você cheira se quiser, fuma se quiser.”; “A droga é um vício que a pessoa usa hoje, começa a gostar, vai usando, vai usando... quando vê, a pessoa tá ali viciada, sufocada. Qualquer dinheiro que a pessoa arruma troca na cocaína. Aí a pessoa pode tá com cem real agora que pega um papelote de cinco. Já vai tudo, vai tudo mesmo. Quando a pessoa vê já tá durinha. A onda cai e a pessoa fica como? Careta.”*

Reconstruindo, sem maquiagens, experiências que vivenciaram no conturbado cotidiano do tráfico de drogas, os depoimentos evidenciam que as motivações imiscuem-se e interagem, evitando apontar ‘a causa’ ou ‘o motivo’. O que eles relatam é a multiplicidade concomitante de várias situações de vulnerabilidade pessoal e social, cujo acirramento é fartamente explorado pelos traficantes.

Ao falarem de sua própria inserção no tráfico de drogas, os jovens reforçam e esmiuçam esse raciocínio:



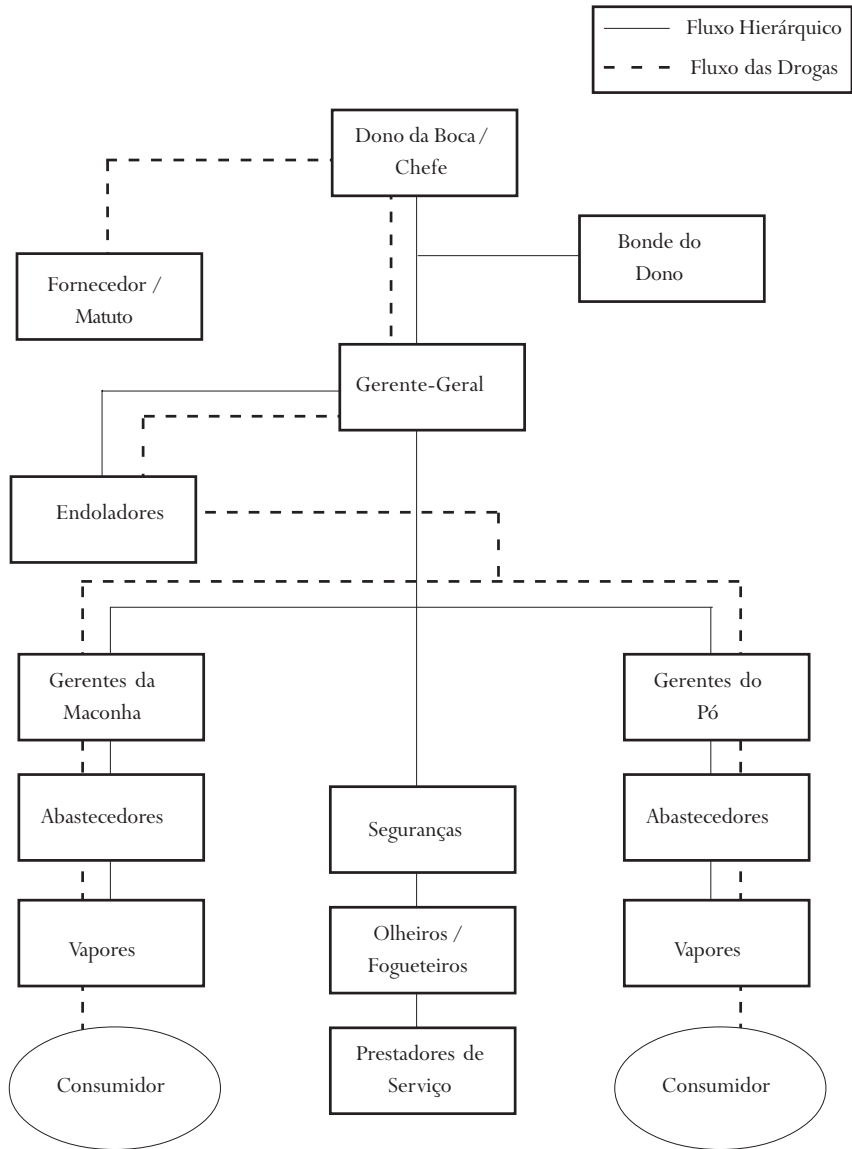
*“tinha muitos problemas dentro de casa e procurei resolver fora de casa, entrando no tráfico”; “Isso aí foi um problema sério dentro de casa. Pode colocar: espancamento. Entrei no tráfico para conseguir uma pistola pra matar meu irmão porque ele tem raiva de mim, porque quando estava na barriga da minha mãe, meu pai, que vivia drogado, batia na minha mãe e meu irmão brigava com ele e ele batia nele também. Ele ficava com raiva e batia em mim”; “Porque eu estava duro. Precisava de dinheiro, tinha saído de casa”; “Por causa das condições. Minha mãe recebia o dinheiro da pensão do meu pai e só queria saber de beber e nunca sobrava nada para mim. Minha irmã foi criada por um casal rico no Leblon e eu fui criado num colégio interno no Méier. Comia uma sopa horrível. Depois eu fui ficando pior de dinheiro, aí eu entrei para o tráfico”; “Porque estava querendo comprar roupa”; “Porque eu estava dependendo de comprar roupa e ajudar a minha mãe”; “Não tinha dinheiro e quando eu saí do emprego comecei a usar muito. Até que resolvi entrar no tráfico para ter um dinheiro mais fácil”; “entrei por causa do dinheiro. Porque usava droga. Começou tudo junto”; “Porque eu via os caras arrumadinhos com dinheiro e eu carregando bolsa dos outros”; “porque gostava de armas e porque queria ganhar dinheiro e também fui influenciado pelos meus colegas que já estavam no tráfico”; “Eu tava à toa, ia para o baile e o garoto do baile me chamou. Aí ele me pediu para eu ir lá na casa dele e eu comecei a ajudar a ele”; “Porque eu tinha que sustentar a casa. Como era tempo de calor eu não conseguia vender doce e precisava de dinheiro para comprar as coisas em casa; resolvi entrar para o tráfico.”*

## O que os jovens fazem no tráfico de drogas?

*“No caso, se você fosse entrar através de mim eu ia ter que te botar no posto de foguete. Aí, passando um tempo, você vai começando a demonstrar na prática, aí vem a polícia, você solta fogos direto, fogos, fogos, fogos, fogos. Aí de repente a gente já passa você pra noite, aí dá um oitão na sua mão. Se demonstrar na prática já ganha uma arma, aí de uma pistola você vai ganhando uma arma mais possante. Entendeu? Até você ganhar uma posição na boca, de um vapor, pra arrumar uns lucro numa carga. Pra chegar a gerente, daí, o patrão que vê o que você pode ser.*

No fluxograma seguinte é apresentada a distribuição hierárquica e o fluxo das drogas em uma boca-de-fumo do Rio de Janeiro, demonstrando a estruturação enunciada pelo depoimento anterior. Essa sistematização, oriunda do relato dos jovens atendidos pelo Sistema Aplicado de Proteção, pode apresentar algumas variações de acordo com o ‘movimento’ de vendas e a localização de outras bocas, diferenças que incidiriam sobre a nomenclatura de certos cargos e o número de indivíduos que os exercem. Outra característica particular e que se pretende evidenciar é que tal fluxo não pode ser confundido com o das drogas, sob pena de misturarem-se posições e valores hierárquicos, dificultando a compreensão desse esquema.

## Estrutura Organizacional e Fluxo das Drogas em uma Boca-de-Fumo



Fonte: Pesquisa de Campo DCS/ENSP/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2000.

De acordo com o relato dos jovens, essa estrutura apresenta funcionamento típico de um plano de carreira, no qual as possibilidades de ascensão e remuneração são definidas com base no desempenho e na produtividade demonstrada no dia-a-dia do tráfico de drogas. Levando-se em consideração a distribuição das tarefas, atribuições e características típicas de cada função, é possível compreender que a hierarquia do varejo das drogas é constituída pelos setores apresentados nos quadros das páginas seguintes.

Quadro 5 – Posições de segurança e serviços gerais\*

Função	Pré-requisitos	Riscos	Ganhos
Prestadores de Serviço	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não possuem vínculo fixo com o tráfico. Fazem os chamados 'mandados' ou 'bicos', que vão desde a compra de refeições para os integrantes da boca até a entrega de drogas em outras localidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ser descoberto e preso;</li> <li>Estar próximo ao 'movimento' em situações de risco, como confrontos armados com policiais e grupos rivais;</li> <li>Sofrer torturas ou mesmo ser executado em caso de perda da carga.</li> </ul>	<p>Variam de acordo com o serviço.</p>
	<p><i>"Primeiro eu entrei fazendo mandado. Os cara me dava dez real, vinte e eu ia comprar comida pros cara, entendeu?"</i></p>		
Olheiro/Fogueteiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avisar, por meio de rádio transmissores ou fogos de artifício, a chegada da polícia ou de grupos rivais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em razão do contato quase que direto com policiais e grupos rivais, são bastante vulneráveis à prisão, torturas, para que entreguem os companheiros e o local onde a droga está escondida.</li> </ul>	<p>Entre R\$ 100 e R\$ 200 por semana.</p>
	<p><i>"Fica só escutando. Fica assim por cima da laje, olhando pra ver se vem polícia. Tem uns que têm radinho, outros já têm fogos, aí solta quando os polícia tão entrando". "Se a polícia vier de noite eu lálo: lombrou, aí já começam a atirar neles e saíralando."</i></p>		
Seguranças/Soldados	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazem a segurança armada do ponto de venda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ter coragem e destreza para trocar tiros com a polícia e contar com a confiança do chefe e dos gerentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Podem ser punido em caso de perda da arma.</li> <li>Grande chance de ser morto ou ferido em confrontos armados.</li> </ul>
	<p><i>"O segurança fica fazendo a proteção da boca"; "O soldado é o bom de mete-bala"; "O segurança só fica na pista, fazendo a proteção se algum alienão tentar invadir a lávela."</i></p>		
Bonde do Dono	<ul style="list-style-type: none"> <li>Grupo fortemente armado que faz a segurança particular do dono.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Grande chance de ser morto ou ferido nos constantes confrontos armados em que se envolvem.</li> </ul>	<p>Entre R\$ 150 e R\$ 300 por semana.</p>
	<p><i>"Quando tem uma invasão na lávela, ele (o dono) vem com obonde de de pesado, que acaba com a lávela."</i></p>		

Fonte: Pesquisa de Campo DCS/ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2000.

\* Formam a infra-estrutura básica para o bom funcionamento do ponto de venda. Seus ganhos são pré-fixados, não participando diretamente dos lucros. Vão desde a segurança à prestação de pequenos serviços.

Quadro 6 – Funções de processamento e venda\*

	Função	Pré-requisitos	Riscos	Ganhos
Vapor	<ul style="list-style-type: none"> <li>Encarregado de vender a droga.</li> </ul> <p><i>“O vapor vende as cargas, é o serviço dele, tá todo dia ali na pista pra vender”, “Tem uns que fica gritando: Macanilha! Pô! ou ele fica parado com a droga e o viciado mesmo chega até ele”, “É o que passa a carga, vende as macanilha e as cocaina.”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demonstrar competência e confiança na execução da tarefa de olheiro/fogueiteiro ou ser conhecido de algum integrante do movimento.</li> </ul> <p><i>“Pra passar pra vapor demora muito, você tem que mostrar bastante na prática.”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Possibilidade de prisão por polícias disfarçadas de consumidores. Qualquer ‘derrame’ pode ser pago com a própria vida.</li> </ul> <p><i>“Ser vapor é melhor que olheiro porque é mais tranquilo, mas tem vários riscos também. De repente sobe um viciado e você não sabe se é polícia, já aconteceu isso no morto uma vez.”</i></p>	<p>Ganha entre R\$ 50 e R\$ 100 por carga vendida.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Prepara a droga para o consumo, embalando-as em recipientes próprios e misturando-as a outras substâncias para obtenção de maior rendimento.</li> </ul> <p><i>“Tem as mercadorias em tablete... é pó, é macanilha, tanto faz. Ai chega lá dentro a gente trabalha ela, é em casa, em qualquer lugar, bem mais sigiloso”, “A endolação não é todo dia, às vezes é duas vezes por semana, depende do movimento de droga no morto.”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como o contato com a droga é direto, essa função requer pessoas que sejam inteiramente confiáveis, para que não haja nenhum tipo de desfalque ou queda na qualidade do produto. Muitas vezes, os próprios gerentes participam desse processo.</li> </ul> <p><i>“Geralmente é só cria da comunidade que trabalha na endolação ou o próprio gerente. Nisso aí não é qualquer um que pode entrar não”.</i></p>	<p>Não relatados.</p>	<p>Entre R\$ 100 e R\$ 350 por endolação.</p>
Abastecedores	<ul style="list-style-type: none"> <li>É o encarregado de abastecer os vapores com a droga já embalada para a venda.</li> </ul> <p><i>“É o que abastece a boca de droga”, “O vapor presta contas com o abastecedor e o abastecedor tem que prestar contas com o gerente.”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Geralmente é o subgerente que escolhe seus abastecedores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O desaparecimento de alguma parcela da droga pode lhe custar a vida.</li> </ul>	<p>Em média, R\$ 30 por cada carga transportada.</p>
Gerentes da Macanilha e do Pô	<ul style="list-style-type: none"> <li>Administram a endolação e a venda da mercadoria pela qual são responsáveis. Normalmente há gerentes para cada tipo e preço de droga. Prestam contas com o gerente-geral.</li> </ul> <p><i>“Pra cada droga tem uma gerência”, “Geralmente tem os gerentes do pó de cinco, do pó de dez, tem o gerente da macanilha de cinco, da macanilha de um...”</i> “Ele entoca a droga e passa para o vapor”; “É um empregado do gerente, de uma hora para outra ele aparece.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ter exercido com sucesso a função de vapor, ou já ter algum vínculo de amizade e confiança com o chefe-da-boca.</li> </ul> <p><i>“...depois de vapor você pode até pegar uma gerência de alguma carga assim, para a macanilha de um preço, um pó de outro preço.”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qualquer desvio (de dinheiro ou de drogas) pode ser punido com perda do cargo, castigos físicos ou mesmo com a morte.</li> </ul> <p><i>“O cara, dando mole, volta a ser vapor, entendeu?”; “Tem que prestar tudo certo, às vezes a pessoa faz dívida dando mole, até a hora que eles falarem: pega.”</i></p>	<p>Entre R\$ 400 e R\$ 1.000 por semana.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo DCS/ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2000.

\* Cargos diretamente relacionados à embalagem e venda das drogas. Seus ganhos são equivalentes à produtividade e ao movimento de vendas da ‘boca’.

Quadro 7 – Chefia\*

	Função	Pré-requisitos	Riscos	Ganhos
Gerente-Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É o 'braço direito' do chefe. Administra todo o processo de venda. Alguns moram na própria comunidade, outros aparecem apenas para recolher o lucro das vendas.</li> </ul> <p><i>"É o que manda em tudo abaixo do patrão";</i>  <i>"Manda em todos os gerentes e recolhe o dinheiro todinho da boca"; "Se o dono sai da favela, quem passa a mandar é o gerente-geral."</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ter a confiança total do chefe do movimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Está mais exposto a embates com a polícia e a facções rivais que o dono, devido a sua constância na 'boca'.</li> </ul> <p><i>"O braço do dono fica de bucha pro dono. Tem uns que dá a vida e tudo pelo dono."</i></p>	<p>Entre R\$ 2.000 e R\$ 3.000 por semana.</p>
"Dono"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indivíduo que comanda toda a estrutura da "boca". Dificilmente mora na comunidade.</li> </ul> <p><i>"Sempre tem um cabeça, né? Que manda em todo mundo. Mas ele não fica lá não, esse aí só traz arma, fornece tudo e depois vai embora"; "Quem manda é o dono. Se o dono falar assim, oh, vai morrer, vai morrer mesmo".</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não relatados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fica conhecido publicamente, sofre maior assédio de policiais corruptos em busca de propinas e é alvo de outros indivíduos interessados em tomar os pontos de venda sob seu controle.</li> </ul>	<p>Não relatados.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo DCS/ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2000.

\* São os cargos mais altos da hierarquia em uma 'boca'. Administram os ganhos, negociam a compra de armas e drogas e são a última instância para resolução de problemas internos.

Dentro dessa estrutura, os jovens entrevistados exerceram várias funções, com maior incidência justamente das menos remuneradas e mais perigosas (olheiros/fogueteiros; seguranças e vapores). O número de relatos de amigos da mesma faixa etária mortos no exercício de suas atividades foi espantoso, o que demonstra que a ascensão no ‘plano de carreira’, vislumbrada no ingresso à atividade, possui graves restrições.

O primeiro contato com o tráfico de drogas normalmente ocorre por meio de pequenos serviços, nos quais os jovens – e até mesmo crianças – ganham uns ‘trocados’. A proximidade e até mesmo a amizade com pessoas que já ‘formam’ na ‘boca’ facilitam esse contato:

*“Primeiro, eu entrei fazendo mandado. Os cara me dava dez real, vinte. Aí eu fui gostando daquilo, fazendo um aviãozinho, ia comprar comida pros cara, entendeu? Aí, quando eu vi, uma hora o cara me chamou...”*

*“Eu tenho um colega que, uma vez, falou assim: ‘cê não tem nem condições de comprar uma roupa nova assim’. Aí tu vê o colega andando arrumado, mas ele já tá envolvido. Aí, já fala pra você: vamo também, como é? Com dinheiro, com roupa, vombora, vamo entrar nessa vida. Aí, cê pensa assim: ah! Vou entrar mesmo, me dá dinheiro. Aí vai e entra, aí se envolve. Aí ele vai, te leva lá na boca e te mostra pro cara e bota tu pra entrar no movimento.”*

A sonhada ascensão começaria, efetivamente, pela atividade de ‘olheiro’ ou ‘fogueteiro’. É o primeiro passo para, segundo as palavras de um dos jovens, ‘se formar bandido’: *“Daí vai se formando bandido, passa a traficar, depois vai traficando, traficando até pegar um cargo mais alto, aí vira um gerente na vida”*.

No entanto, para *“virar um gerente na vida”*, o jovem tem que *“demonstrar na prática”* (dedicar-se e submeter-se inteiramente às atividades, quase sempre de alto risco, do ‘movimento’) e *“ter conhecimento”*, ou seja, ser preferencialmente ‘cria da comunidade’ e bem relacionado com os integrantes da ‘boca’:

*“Quem trabalha na boca é tudo da comunidade. Difícil vim de fora, porque quando vem geralmente morre rápido, tem sempre um que não gosta de tu. Acha que tu é cheio de marra, metido, vai sempre arrumar vacilação para falar que tu fez alguma coisa que tu não fez.”*

As atividades de olheiro ou fogueteiro, apesar de terem a mesma função prática (dar o alerta sobre a presença de ‘inimigos’), apresentam pequenas variações que merecem ser destacadas. A primeira está implícita nos próprios nomes: o ‘fogueteiro’ utiliza fogos de artifício e o ‘olheiro’ avisa oralmente a chegada ‘dos alemão’, por intermédio de rádios, celulares, *walk-talks* ou mesmo pelo grito de ‘lombrou’:

*“Fica só escoltando. Fica assim por cima da laje, olhando pra ver se vem polícia. Tem uns que tem radinho, outros já tem fogos. Aí solta quando os polícia tão entrando... Se a polícia vier de noite, eu falo: lombrou!!, aí já começam a atirar neles e eu saio ralando.”*

O posicionamento deles varia de acordo com a geografia do local e com a organização do ‘movimento’. Em algumas ‘bocas’, geralmente as mais lucrativas, existe mesmo a presença concomitante das duas variações desse cargo, em virtude das estratégias utilizadas e da tecnologia disponível (radiotransmissores, telefones celulares, *walk-talks*).

*“Porque o olheiro fica de walk-talk. O olheiro fica mais alto. Lá do alto tu tá vendo a pista toda. Tu viu uma D-20, tu já avisa: ‘Oh, fulano, alô setor dez, oh, vem uma D-20!’. Aí o cara de baixo, que é o fogueteiro, solta os fogos que é pros amigos ficar em baixo sabendo.”*

Na ‘boca’, pode-se notar a existência de setores específicos, o que de certa forma resguarda um pouco mais a segurança dos seus integrantes, na medida em que o fogueteiro pode soar o alerta e fugir antes mesmo da chegada da polícia à sua posição. Entretanto, essa prática não é regra nos pontos de venda do Rio de Janeiro. Na maioria dos casos, os olheiros/fogueteiros servem de verdadeiras ‘iscas’ – ou, como dizem os jovens, ‘buchas’ – para a polícia, pois são obrigados a detonar fogos de artifício (geralmente de 12 tiros) a poucos metros de policiais armados, tendo que correr em seguida para não serem mortos ou detidos.

Essa função é desempenhada quase que exclusivamente por crianças e jovens oriundos da própria localidade (*“A onda agora é só menor. Difícil uma pessoa de mais de vinte anos ser olheiro”*), considerados mais ágeis: *“Para ser fogueteiro só basta saber correr bem, conhecer bastante o lugar e ter bastante agilidade para não rodar”*. É perceptível, também, a existência de uma carga horária predefinida, dividida em turnos de seis ou doze horas.

Todos os relatos indicam que esses jovens ‘iniciantes’ não portam armas, contando apenas com a astúcia e o conhecimento do local para ‘ralar’. No entanto, há depoimentos que evidenciam a existência, em determinadas ‘bocas’, de diferenças na atuação entre o período diurno e noturno de trabalho, envolvendo, em alguns casos, o uso de armas por indivíduos já então considerados como ‘seguranças’:

*“De dia, geralmente são os novinhos que à noite gosta de ir pra baile funk, funkeiro. Entendeu? De dia não precisa ter arma na boca, só pro vapor mermo, os fogueteiros não precisa andar armado. Não precisa, a polícia já não vem com aquele interesse de matar, que nem vem à noite, que de dia é só fogos mesmo. E à noite não. Ao invés de ser foguete, já é a peça já. Já é a arma. É fuzil, pistola, metralhadora. Já é um bonde mais pesado.”*



O posto de ‘olheiro/fogueteiro’ está intrinsecamente vinculado ao fato de seus ocupantes não portarem arma. Eles são considerados como os integrantes mais descartáveis do ‘movimento’, não contando ainda com a confiança dos ‘cabecas’, tendo que demonstrar lealdade e destreza para fazer jus ao porte de uma ‘peça’. A arma representa um verdadeiro ‘distintivo’, símbolo de ascensão que revela a ocupação de um lugar mais destacado na estrutura do tráfico, sendo cada vez mais potente de acordo com o cargo ocupado.

O fato de portarem armas já os tornam ‘seguranças’, sendo alocados em posições estratégicas da ‘boca’, onde devem estar prontos para trocar tiros com a polícia ou facções rivais: *“O segurança fica fazendo a proteção da boca”*; *“O segurança só fica na pista, fazendo a proteção se algum alemão tentar invadir a favela”*; *“O segurança tem que ficar trocando tiro com a polícia pro vapor poder fugir”*.

Em suas falas, os jovens demonstram que não é ‘mole’ alcançar esse estágio – *“não é qualquer um que pode ser soldado”*. A execução dessa tarefa seria direcionada aos mais valentes e habilidosos na utilização de armas – *“O segurança é o bom de meter bala”* –, além de ser um cargo que exige muita responsabilidade na utilização e guarda destas: *“a gente não pode botar qualquer um... a gente bota um no posto e eles cisma de sair levando a ‘peça’. Aí não pode ser qualquer um”*; *“Se sumir com a arma já era... tem que dar conta da arma”*. O relato seguinte exemplifica bem a idéia de valentia e lealdade plena com que é representada tal atividade:

*“Eu era segurança da boca, ficava com uma metralhadora na mão protegendo o patrão e os vapor. Se viesse a polícia eu tinha que soltar o peso para proteger e eles fugirem. Eu tinha que ficar até o fim, se eu morresse o problema era meu, cada um com seu cada um. Deu mole é só enterrar.”*

A carga horária do segurança é a mesma dos ‘olheiros’/‘fogueteiros’. Em algumas ‘bocas’ a presença deles é percebida apenas à noite, quando a possibilidade de invasão é maior. Nesses casos, a segurança armada diurna é realizada pelos próprios integrantes do ‘movimento’: *“Os seguranças são os próprios. Todos andam armados, menos o olheiro e fogueteiro. De vapor a dono, com certeza”*.

Os mais eficientes e corajosos podem ser incorporados ao ‘Bonde do Dono’, grupo fortemente armado encarregado de fazer a proteção particular do Chefe, assim como para a execução de tarefas ‘especiais’ como escolta de carregamentos de drogas e armas, e reforço à defesa da ‘boca’ em tentativas de invasão. As melhores e mais potentes armas são destinadas aos que dele fazem parte e que, em suas missões, saem sempre juntos e em comboio.

Alcançando o cargo de ‘vapor’, o jovem poderá, mediante a venda de drogas realizada em esquinas, vielas ou casas da localidade, ‘tirar um lucro’ diretamente de cada ‘carga’. A função de vapor é apontada como mais ‘tranqüila’ que as de olheiro/fogueteiro e segurança, já que em caso de invasão policial, há todo um aparato montado para que possam ‘entocar’ as drogas e fugir. Note-se que toda a estrutura de segurança é planejada não para preservar a vida dos vapores, mas para proteger a mercadoria a ser comercializada.

A despeito de proporcionar maiores ganhos e ser citada como uma função menos arriscada, são apontadas desvantagens, quase sempre relacionadas ao alto grau de envolvimento e responsabilidade, que servem de justificativa para explicar a opção de alguns jovens pela continuidade no cargo de segurança:

*“O segurança não precisa ficar o plantão todo na pista, não precisa ficar a noite toda. Pode ir dormir, pode ir tirar a onda dele, não precisa ficar massacrado como o vapor fica. Não precisa ficar ali só naquele lugar vendendo, pode dar um vagar no morro, pode namorar... pode fazer o que ele quiser”.*

Como não tem uma carga horária definida, o vapor pode ser requisitado pelo ‘patrão’ a qualquer hora do dia ou da noite, o que o faz viver quase que exclusivamente em razão do ‘movimento’: *“Vende de dia, vende de tarde, vende de noite, qualquer hora que o patrão ou o gerente-geral quiser”.* Um jovem chegou a exemplificar essa disponibilidade do vapor cantarolando a estrofe de um rap que circula entre os integrantes do ‘movimento’, que em determinado momento diz: *“O vapor vai traficar seja noite, seja dia, se faltar alguma é fria”.*

A maior parte dos jovens entrevistados ocupava essa função, quando apreendidos. Alguns, após o exercício desse cargo, chegaram até mesmo a ‘pegar um preço’, ou seja, exercer o papel de ‘subgerentes’ ou ‘gerentes do pó’ e ‘da maconha’, que administram o processo de distribuição e venda da maconha e cocaína, divididas em preços diferentes, que variam de acordo com a quantidade e a qualidade da mercadoria:

*“Para cada droga tem uma gerência. Cada pó tem um gerente. Tem pó de dois, de três, de quatro, de cinco, de dez, de quinze, de vinte e cinco e de cinqüenta.”*

*“Tem maconha e cocaína de vários preços. Tem cocaína de dez, de cinco, de dois, de três, de quinze reais, de vinte e cinco, de cinqüenta. Maconha tem de dez, de cinco, de dois, de três e de um real.”*

O processo de preparação da droga para a venda, englobando tanto sua mistura com outras substâncias para multiplicar a quantidade e a lucratividade, quanto a embalagem da mercadoria a ser comercializada, é executada pelos

‘endoladores’. A endolação não tem periodicidade definida, sendo realizada quando um novo carregamento de droga chega à ‘boca’. Para desempenhar tal cargo são requisitados, em geral, indivíduos que tenham a confiança dos gerentes, e em diversos casos eles próprios participam do processo.

Endolada a droga, os gerentes a subdividem em diversas ‘cargas’: quantidades determinadas de maconha ou cocaína, já prontas e armazenadas para a venda em forma de ‘papelotes’ ou ‘sacolés’. A distribuição da droga entre os ‘vapores’ é executada pelo ‘abastecedor’. Os ‘gerentes’ passam uma carga de cada vez ao ‘abastecedor’, armazenando o restante em local de acesso restrito. Em alguns casos são auxiliados na administração dos negócios por suas namoradas, companheiras e esposas. O ‘abastecedor’ fica encarregado de supervisionar as vendas dos ‘vapores’ e, ao final de cada ‘carga’ vendida, prestar contas com o gerente e retornar à ‘boca’ com mais mercadorias para comercializar.

Os ‘gerentes da maconha e do pó’, por sua vez, são escolhidos, divididos e supervisionados pelo ‘gerente-geral’, responsável pela arrecadação final de todas as vendas e pela prestação de contas com o ‘dono’. Esse é o posto mais cobiçado pelos jovens entrevistados, vislumbrado como de alta lucratividade, pouca exposição ao confronto armado e pela imagem de poder proporcionada.

*“Bom é ser gerente-geral, que manda em tudo, fica poucas horas, só vai pra receber. Ele vai entregar o produto e sai, se quiser ficar fica e se não quiser vai embora. Ruim é ser fogueteiro e vapor porque tem que ficar ali o tempo todo e se a polícia invade ele tem que dizer que é dele, porque se entregar o movimento perde a vida. Ele e até a família. Bota até a família em risco.”*

Apesar de a função de ‘gerente-geral’ ser representada como mais segura e lucrativa, para alcançar tal patamar hierárquico o pretendente tem que se submeter a várias situações de extremo risco, nas quais as chances de ser detido ou morto são notadamente maiores que as de desempenhar tal papel.

Chegar a ‘Dono’, entretanto, parece um sonho quase impossível: *“Chegar a Dono tu não chega não. Pode até ter um preço assim da maconha, o dono te dar um preço pra tu botar na tua área...”*. Para os jovens, chegar a Dono pressupõe níveis de alianças e conhecimentos que extrapolam suas relações cotidianas no interior da estrutura do tráfico, relacionadas a cargos subalternos, o que demonstra uma verdadeira transposição dos modelos convencionais de relação trabalhador/empregador.

Por sua vez, o Dono é aquele que, com mão-de-ferro, controla todo o ‘movimento’ nos morros e favelas. Quando seu prestígio e poder são muito

grandes, pode exercê-los mesmo preso. Em sua atividade, mistura traços de extrema violência e crueldade – punindo com o desterro e até mesmo com a morte qualquer um (inclusive moradores) que desobedeça a suas ordens – com manifestações de carinho para com os comandados que seguem à risca suas diretrizes. Sua figura, apesar de temida, tem o respeito da maioria dos jovens.

*“O patrão trata na maior humildade. Trata todo mundo bem, só não pode errar. Trata eles melhor do que os patrões de uma firma aí, dessas aí... que acha que o trabalhador é trabalhador e patrão é patrão: muitos não dão nem confiança. Já na boca-de-fumo, não. Trata todo mundo na maior humildade mesmo. Mas se errar... só não pode errar; fala só pra não errar: seja sempre o certo.”*

### O que os jovens fazem com o dinheiro que ganham na ‘vida no tráfico’?

Ao longo deste trabalho, convertemos boa parte dos esforços na tarefa de elucidar e criteriosamente apresentar uma série de eventos e situações que concorreram intensamente para que o tráfico de drogas assumisse tamanha proporção no Rio de Janeiro. A fala dos jovens, infelizmente, empresta viço a essas análises, narrando sem subterfúgios a forma e os momentos em que a sociedade, seguida e continuamente, negou-lhes chances, fechou-lhes portas, obstou-lhes os caminhos e encurtou-lhes horizontes. É muito cômodo criticar seu envolvimento e esbravejar rígidas punições sem indagar qual, como e por que uma sociedade exclui, negligencia, vilipendia e acua seus integrantes de tal forma que eles passam a encarar uma atividade criminosa como possibilidade de melhoria de suas condições de vida!

Adotando uma proposta um tanto quantificadora, é possível dimensionar que 46 (52,27%) jovens citaram a ‘necessidade de ganhar dinheiro’ como a motivação mais premente de sua entrada no tráfico, associando-a sempre à finalidade que desejavam obter ou consumir. Ao concretizarem essa opção, o tráfico passa a representar para eles o único meio capaz de satisfazer certas necessidades e desejos, ou de resolver seus problemas mais frequentes.

Além disso, há que se levar em conta um dado bastante peculiar: o dinheiro que eles procuram no tráfico não tem como objetivo a acumulação – tão comum nos crimes de colarinho branco –, mas sim o consumo. Nas entrevistas, pudemos, sem muito esforço, conhecer o orgulho e a satisfação com que mostram as roupas da moda que ‘compram’ para ficarem mais bonitos, dos presentes que ‘compraram’ para as mulheres de que gostam ou das ‘compras’ que levam para casa:

*“Eu comprava roupa e ajudava em casa sem que minha mãe soubesse a origem do dinheiro”; “Comprava uma porção de coisas para mim, roupas, chinelo”; “Comia na rua, ia no flipper, no shopping”; “Comprava roupa de marca”; “Gastava com roupa, bebida e mulheres”; “Gostava de bijuteria, comprava relógio, roupa, tênis”; “Gastava com drogas, roupas e brinquedo para o filho”; “Ia pro baile, comprava roupa, bebida, comida e fruta pra casa”; “Comia no McDonald’s e Bob’s”; “Gastava tudo com a minha filha”; “Comprava roupa e tênis”; “Mandava dinheiro pra família”; “Ia pro baile, pagode, festas e churrascos, andava de táxi...”; “Comprava hambúrguer, biscoito, danone, drogas e roupas”; “Com o dinheiro, eu ajudava em casa e saía final de semana”; “Gastava com mulher e hotel”; “Gastava o dinheiro com mulheres, roupas, amigos, ia pra baile, restaurantes e cabeleireiro”; “Comprava roupa, gastava também com mulheres, na obra da casa e comprava muita comida.”*

Comprar aquilo que querem! Ir a uma loja de roupas em um *shopping center*, escolher as peças que mais lhe agradam, experimentá-las e adquiri-las são tão importantes e gratificantes para eles que por si só justificariam o risco que corriam no tráfico.

Haverá algum jovem que não se compra diante de tal situação? Afinal, o consumo e todos os seus acessórios – fama, poder e *status* – são valorizados por ser uma característica distintiva de uma sociedade que diariamente bombardeia-nos com sua lógica mercantil: vista a roupa *A* para ficar mais bonito e ter sucesso profissional; beba refrigerante *B* para conquistar a garota que você deseja; use a vitamina *C* para ter uma vida saudável; dirija o carro *D* para ter uma vida com mais adrenalina!

A linguagem, direta e nada subliminar, abusa do uso de verbos que, apesar de distintos, encontram seu equivalente em outro: consumir. Mais que isso: a mercadoria a ser consumida (comprada, contratada ou alugada) é sempre de melhor qualidade que o serviço análogo prestado pelo poder público: escola, hospital, planos de saúde, moradia, serviços de luz, água...

Consumindo essas mercadorias, os jovens ‘lavam’ parte do dinheiro do tráfico de drogas e o injetam na economia formal, assegurando lucros para os empresários, a manutenção de postos de trabalho e a arrecadação pública de impostos. Tal aporte financeiro assume volumoso vulto: dos 55 que informaram sua renda semanal, 22 (40% destes e 25% do total) declararam que seu ‘salário’ – que era pago ao fim de cada dia – superava os R\$ 500,00/semana; 15 (27,27% e 17,04%), que girava em torno de R\$ 100,00 e R\$ 200,00/semana; 4 (7,27% e 4,54%), entre R\$ 300,00 e R\$400,00/semana e 1, com R\$ 100,00/semana. Os outros 13 relacionaram a sua remuneração às ‘cargas’ de drogas que vendiam, sem, no entanto, precisarem quantas eram, impossibilitando o cálculo do valor

semanal. No quadro a seguir ilustra-se as funções por eles exercidas para receberem tal remuneração.

Quadro 8 – Funções desempenhadas pelos atendidos na estrutura do tráfico de drogas – Sistema Aplicado de Proteção

FUNÇÃO	TOTAL
Vapor	45 (51,13%)
Gerência	19 (21,57 %)
Segurança	9 (10,22%)
Olheiro	2 (2,27%)
Endolador	2 (2,27%)
Abastecedor	2 (2,27%)

Fonte: Sistema Aplicado de Proteção aos Adolescentes Oriundos de Medidas Sócio-Educativas por envolvimento pelo Tráfico de Drogas, 1999.

OBS: Nove jovens não informaram o cargo que ocupavam.

Calculando-se de forma aproximada e sempre optando por valores menores em caso de remuneração variável, os 55 jovens anteriormente citados recebiam, semanalmente, a impressionante quantia de R\$ 61.740,00, valor que à época equivalia a 453 salários mínimos! Ponderando-se, por um lado, que nenhum deles fez qualquer tipo de menção a guardar o dinheiro, economizá-lo ou acumulá-lo, afirmando gastar tudo o que ganham – hábito que Zaluar (1994) denominou ‘consumo orgiástico’ – e, por outro, que o pagamento pode ser revertido em drogas, é plenamente plausível considerar que pelo menos 50% daquele montante era utilizado para consumir no mercado oficial. Chega-se, então, a um valor de R\$ 30.870,00 mensais, 227 salários mínimos, em compras.

Nesse momento, a sociedade valoriza-os. Trata-os com toda a pompa que os comerciais televisivos gastam para incorporar nobreza ao ato de comprar desvairadamente. Encara-os como consumidores, não mais de drogas, mas de suas ‘fetichizadas’ mercadorias oficiais e legais. O ar refrigerado do *shopping center* dissipa, por instantes, as barreiras: agora não importa investigar a origem do dinheiro, não interessa se eles moram em favelas. Não há problemas, desde que tenham dinheiro e disponham-se a gastá-lo no mercado.

Por mais que sejam trágicas, essas relações ocorrem a mancheias. Seu aprofundamento e estudo iluminam situações nebulosas, conduzem à

desvinculação da pobreza com a criminalidade e desnudam a forma como a sociedade de mercado pode invalidar, desprezar e desvalorizar o ser humano, mas nunca o seu dinheiro.

O tráfico de drogas e o dinheiro dele advindo despontam para esses jovens como meio de satisfazer necessidades socialmente construídas. Mesmo aqueles que não mencionaram motivações financeiras para se inserir no tráfico foram unânimes em afirmar que utilizam sua renda, prioritariamente (senão unicamente), no consumo de mercadorias legais.

Conforme elucida Marx (1987), as relações travadas na estrutura de uma sociedade capitalista impelem os indivíduos a saciar suas necessidades no âmbito do mercado, travestindo-os de consumidores. Ao mesmo tempo em que as necessidades são socialmente determinadas, essa mesma estrutura, por intermédio do processo de acumulação de capital, concentra as oportunidades e os meios de saciedade nas mãos de uma parcela de consumidores, negando a outra, ainda maior, tais possibilidades. No entanto, o movimento vital do mercado é de expansão e, por isso, não pode dar-se ao luxo de muito escolher quem irá participar de suas transações. A única barreira que erige é a exigência do passaporte dinheiro.

Na compreensão dialética dessa contradição, forjam-se as chaves que superam estereótipos, fecham-se portas que pretensamente interligam pobreza e criminalidade e abrem-se outras que descerram caminhos que conduzem à constatação que mais pujante e essencial que a necessidade do consumidor por dinheiro é a necessidade do mercado por capital.

Focalizemos o Rio de Janeiro.

Em 1998, a 2ª Vara da Infância e Juventude – Comarca da Capital, atribuiu Medidas Sócio-Educativas a 1.662 jovens que haviam cometido ato infracional análogo ao artigo 12 (tráfico de drogas da Lei de Entorpecentes). Mantendo-se as proporções de ganhos e gastos outrora dimensionadas, é possível estimar que tal contingente aplique mensalmente, no mercado legalizado, a estarrecedora quantia de R\$ 932 mil.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer alguns pontos:

- só estamos levando em conta dados oficiais que contabilizam apenas os jovens que foram apreendidos pela polícia e passaram pelo juizado. Com isso deixamos de fora os adultos (maiores de 18 anos), desconsiderando estimativas policiais como a publicada na edição de 10/09/1995 do *Jornal*

*do Brasil*, que calcula que, no Rio de Janeiro, o tráfico contaria com mais de 100 mil pessoas;

- as cifras com que trabalhamos são referentes ao montante financeiro que acaba nas mãos daqueles jovens, que, conforme demonstrado, ocupam, em sua maioria, os cargos mais baixos da hierarquia do tráfico. Neste momento não ousamos especular quanto rende essa atividade para os que estão no topo, nem para aqueles que não fazem parte do setor de vendas, mas da distribuição internacional, na qual os lucros são incomparavelmente maiores;
- só estamos referindo-nos à ‘lavagem’ direta de dinheiro mediante o simples ato de compra de mercadorias, que, comparada às grandes negociatas, aos paraísos fiscais e à ciranda financeira, assume proporções ridiculamente ínfimas.

Retomando o raciocínio: que mercado seria capaz de desprezar um volume de dinheiro que, em um ano, ronda os R\$ 11 milhões? Imerso na crise socioeconômica que há décadas fustiga o País, reduzido drasticamente pela fuga e o fechamento de inúmeras micro, pequenas e médias empresas, e brutalmente descapitalizado pela diminuição do poder aquisitivo da população, o mercado carioca certamente não o seria.

Eis o drama: a sociedade de mercado repudia aqueles que cometem o ato infracional ao mesmo tempo que sobrevive, deseja, anseia e estimula a multiplicação do dinheiro que eles obtêm. A situação desnorteia e as tentativas de resolução, tão complexas quanto dolorosas e prementes, devem ser objeto de estudo e debates, não apenas de intelectuais ou governantes, mas de todos os cidadãos.

Ao serem indagados sobre o que seria necessário para que um jovem não se envolvesse com o tráfico, as respostas parecem coroar a discussão sobre as possibilidades de vida que são restringidas:

*“Terminando com o tráfico. Eu só vejo esta solução. Fazem uma porção de coisas e o tráfico continua. Não acho mais nada”; “Não tenho a mínima idéia. Eu não tenho pai; às vezes eu queria as coisas, eu não tinha. Minha avó, que me tratava superbem faleceu; tem gente que tem tudo e entra no tráfico, rouba carro. Então, não sei”; “Acho que a família ter uma renda familiar e ter um diálogo. Apesar de ter um monte de playboy no CRAM que já rodou com o tráfico”; “Ele não morar perto da favela ou morro, ter pai e mãe”; “Não se misturar com as pessoas do tráfico”; “Ele precisa estar trabalhando e estudando”; “Trabalhar, ocupação”; “Ter o trabalho que gosta, uma escola”; “Praticar esporte, estudar, se divertir de outra maneira sem usar drogas: ir ao shopping, discoteca”; “O apoio e o conselho dos pais. Temos que escutar os conselhos. Não se misturar; procurar uma boa companhia e não se deixar levar por ninguém”; “Apoio, ajuda, condições*



*financeiras, que a maioria dos jovens tem que ter roupa de marca. Falta de dinheiro”; “Estar estudando ou trabalhando, só isso”; “Ter um trabalho e ter todas as roupas que ela quer”; “Não se juntar muito. Ficar sempre com dinheiro no bolso. A mãe tem sempre que se virar para dar dinheiro pro filho, senão ‘eles pode’ entrar pro tráfico”; “Preencher todo o espaço vazio de manhã, à tarde e à noite”; “Ocupar mais o seu tempo, na comunidade. Na favela, o adolescente fica vendo as armas e o dinheiro do tráfico”; “É necessário ele não usar drogas, não se envolver com as pessoas que conheçam traficantes e a família dar apoio necessário ao adolescente em termos de dinheiro, afeto, de conseguir um trabalho para ele. A família tem que dar exemplo”; “Dar trabalho para ele ganhar dinheiro e ocupar a mente dele. Botar ele para sair, andar, caminhar e correr atrás dos seus objetivos.”*

## Como a Polícia e o Sistema Socioeducativo Inserem-se na ‘Vida no Tráfico’?

A relação com os policiais é um dos pontos mais preocupantes de todos, sendo marcada não apenas por tiroteios, mas por uma inexplicável violência física por parte daqueles que são remunerados (mal, o que não justifica em nada as agressões) com dinheiro público para manter a ordem e não para decidir sobre a vida de ninguém. Dos 88 jovens, 55 (62,5%) declararam ter sofrido violência em suas apreensões, contra 26 (29,55%) que não passaram por essa situação, enquanto 7 não informaram.

A lista das agressões é tão gritante e hedionda que faz corar qualquer torturador da Operação Condor:

*“Eram mais de seis policiais e eu estava sozinho”; “Paulada, chute, pisam na cabeça, tijolada, porrada na costela...”; “Madeirada, chute na barriga, na canela, paulada nas costas, chegava a ficar inchado”; “Espancamento nos órgãos genitais e estômago”; “Soco, chute, saco na cara, choque” “Paulada, arame na minha cabeça”; “Fuzil na cara, tapa na cara. Cuspe na cara, choque”; “Me deram chute, porradas e pegaram na pistola para me matar lí, sorte que a minha arma era de brinquedo. ”; “Socos, chutes, bico, colocaram saco na minha cabeça, me deram choque, me empurraram de barranceira arrastando, me viraram de cabeça para baixo e enfiaram a cabeça num balde”; “Me levaram para a Praia da Luz, em São Gonçalo, me colocaram de joelhos dentro do mato e apontaram o fuzil para me matar. Botaram um pneu e jogaram gasolina para eu ficar com medo”; “Paulada, soco na cabeça, no ouvido, rosto, dentes, choque, tentaram me enfiar com um saco plástico”; “Porrada, chute, queimadura com cigarro, esculacho...”; “Espancamento, coronhada, chute, perna de três”; “Na primeira vez deram um tiro perto do meu ouvido, chutes e tapa na cara”; “Soco na cabeça, pisão, apertar o pescoço na porta, bico”; “Apanhei de cabo de pistola. Tapa na cara, chute na canela, torceu a camisa”; “Soco na cabeça, submarino (algemam os braços para trás e colocam a cabeça em um latão cheio d’água), na delegacia”; “Cuspiram dentro da minha boca”; “Passaram o canivete no corpo, bateram, enfiaram, enfiaram os dois dedos no olho. Bater com o punho fêchado na nuca e no pé do ouvido, martelada na cabeça”; “Colocaram um saco*

*na minha cabeça (submarino), algemaram, colocaram minha cabeça dentro de um latão com água e tentaram me jogar da laje”; “Eu já apanhei tanto de polícia que eu nem sinto mais dor. Eles batem de arma, bico, chute, soco, pedaço de pau, tijolada nos peitos.”*

Graves também são as denúncias de extorsão:

*“Essa vez foi a primeira vez que eu fui preso. Outras vezes eles me pegaram, mas a gente dava dinheiro, eles soltava a gente. Mil reais... Quando eles pede dinheiro, eles fala assim: ‘Não vai ter papo não?’ No caso, o papo é dinheiro. Aí era mil reais pra mim, que era um vapor. Agora, se eles pegasse uma pessoa com um cargo maior era cinco mil, três mil, dependendo... Pra arrumar esse dinheiro a gente entrava em contato e eles pagavam porque, vamos dizer, a gente já era mais chegado assim como tráfico. Quando não pagava, eles levava pra dura, ou senão matava. Isso que eles faziam. Batiam muito pra poder cagüetar, mas a gente não cagüetava nada, aí então leva a gente preso. Dessa última vez, eles me bateram muito, aí depois que eles vieram pra cima: ‘agora que vocês me esculacharam não tenho dinheiro não, me leva logo! Me matar vocês não vão porque tem um monte de pessoas olhando, um monte de morador me olhando’. Era de dia e eles não ia poder me matar. Aí foram e me levaram preso.”*

O que comentar?

Além do contato com a polícia, o poder público fez-se presença constante na vida desses jovens, através das instituições responsáveis pelo cumprimento das medidas socioeducativas. As lembranças de tal período são tão ou mais repudiadas do que a própria passagem pelo tráfico.

#### Quadro 9 – Passagem dos adolescentes atendidos pelo sistema socioeducativo – Sistema Aplicado de Proteção

##### Padre Severino

- *“Ih, lá é vera, todo mundo lá é ruim, não dá muito pra mim explicar, só indo mermo lá pra ver. A porrada come”;*
- *“Os caras lá dava porrada nos menor porque não podia botar a mão pra frente, não podia fazer nada, aí nós ficava assim, com a mão pra trás. De vez em quando eu esquecia, botava a mão pra frente, aí tomava dos caras, vinha dar tapa na minha cara, eu falava: ‘Tá tranqüilo’. Não falava nada não, ficava, botava a mão pra trás”;*
- *“Foi ruim, nunca tinha passado uma experiência assim. É Horrível. Os munitor tratava malzão. Dá tapa na cara. Eu nunca levei, por que eu nunca dei motivo, mas cansei de vê lá, dando tapa na cara dos outros, esculachando. Tipo assim... tá todo mundo sentado, sem querer o moleque tá falando com o outro ali do lado, pôrra pô! Já vem e dá tapa na cara. Ou então tem que andar com a mão pra trás, sendo que, se você tirar a mão só pra ajeitar a camisa, toma tapa na cara”;*

Quadro 9 – Passagem dos adolescentes atendidos pelo sistema socioeducativo  
– Sistema Aplicado de Proteção (continuação)

- *“Lá dentro négo bate, tem que andar certinho. Não pode nem falar muito. Senão os munitor dá um pau. De noite não pode nem falar alto. Senão eles baixa o pau. Tem horas que os moleque fica brigando lá à toa, brigando, ele tira o alojamento todinho assim e bate em todo mundo. Mesmo quem não tava eles bate também”.*

**Muniz Sodré (atual Santo Expedito)**

- *“É pior do que o Padre. Bate mais ainda, tem tipo aquele remo de barco. Eles bate, bota palmatória pra bater na mão. Não pode fazer muita zoada, e não pode brigar. Zoou, o pau come. Lá tem que andar em fileira certinha. Não pode sair da fila. Não pode falar com os outros garotos das outras galerias. Senão o pau come”;*
- *“Era mais rigoroso ainda do que o Padre. Porque lá era um inferno, lá era um inferno só. Lá era um inferno mesmo. Lá era mesmo mil vezes pior que no Padre Severino. Era espancado pelos agentes, pelos menor, por todo mundo”;*
- *“E quando que eu cheguei lá, o cara falou: ‘neguinho, cê rodou no quê?’ Falei: ‘rodei no tráfico de drogas’. Ai ele: ‘É, rodou no tráfico de droga, né? Tá bom, você vai conversar com seu sacode, vem cá pro quartinho comigo’. Chegou lá no quartinho, o quarto todo apagado, ele foi trancou a porta, pegou o maior pedaço de pau. Eu falei: ‘o que é isso seu safado?’ ‘Oh, todo mundo que passa por aqui tem que ganhar umas porradinha de seu sacode, aqui é Muniz, aqui é Bangu, Muniz Sodré, veio pra cá porque não tava fazendo..., não tava à toa, então oh, neguinho, pára muito com essa conversa fiada, antes que eu quebre esse pau aqui na sua cara”.*

**CRIAM**

- *“No CRIAM eu fiquei em Liberdade Assistida. É só assinar e ir embora pra casa. Chegava uma hora e saía de lá só cinco hora. Eu ficava lá conversando com a técnica. Eles tentava arrumar lá, o negócio lá, é esses curso, mas não conseguia nada. O CRIAM não ajuda em nada, não. Pra mim, eu acho que o CRIAM ali não ajuda em nada”;*
- *“No CRIAM eu fiquei seis meses. Meu dia era todo dia a mesma coisa. Acordava cedo, ia pra escola de manhã, aí voltava de tarde, assim uns meio-dia, voltava... Ai ficava no CRIAM, andando, pra lá e pra cá, eu não tinha nada pra fazer. E fazia vassoura, não fazia curso não, fazia vassoura lá. Fazia um montão de vassoura lá pra vender no CRIAM, mas eu não ganhava dinheiro nenhum não”;*
- *“...Se é que nem o Padre ali? Pô, muito mole... a maior regalia, a maior bagunça... négo entrava com maconha, faziam o que quisessem lá dentro”;*
- *“Ficava largado, não fazia nada o dia inteiro”;*
- *“Nada me ajudou porque lá eu também só pensava em voltar para o tráfico, só pensava em roubar, em matar, pensava as mesmas coisas que eu pensava quando eu tava no tráfico, eu pensava no CRIAM”.*

Conforme constatamos nos depoimentos, a passagem pelo Sistema Socioeducativo, sobretudo nas instituições responsáveis pela triagem e privação de liberdade, em pouco ou nada contribuiu para a ressocialização dos jovens. Lembremos que, de acordo com o ECA, tais instituições deveriam apenas limitar o direito de ir e vir desses indivíduos. No entanto, direitos básicos como ser tratado com respeito e dignidade; ter acesso aos objetos necessários à higiene e asseio pessoal; habitar alojamento em condições de higiene e salubridade; receber escolarização e profissionalização e realizar atividades culturais, esportivas e de lazer, são-lhes claramente negados, sem contar a truculência dos monitores, o que proporciona uma revolta ainda maior perante o poder público, o que nos leva a contestar a contribuição de tal atendimento no processo de (re)socialização dos jovens.

Outro fato constatado é que, mesmo alocados nas instituições, os jovens continuam tendo contato com os signos e os símbolos do tráfico de drogas. São inúmeros os relatos que dão conta da divisão de dormitórios de acordo com a facção criminosa a qual pertencem, o confronto entre elas e o consumo de drogas. As 'leis do tráfico' também são válidas nas instituições, o que demonstra que, na maioria dos casos, o afastamento do 'movimento' é apenas momentâneo e geográfico:

*“No CRIAM era assim: dois alojamento. O alojamento do Comando e o do Terceiro, que era pra não arrumar briga (...). Aí cê tinha dois dormitórios. Botavam a facção que é Comando em um e Terceiro no outro, que era pra não dar briga de novo. Se juntasse tinha briga. Claro, é guerra de tráfico!”*

A experiência vivida nas instituições de atendimento, além de pouco eficiente, contribuiu para que os jovens tivessem receio de ingressar em um novo projeto, o que representou uma barreira a mais a ser transposta pelos profissionais envolvidos no Sistema Aplicado de Proteção:

*“Pô, no começo eu não queria vim não, porque eu ainda tava revoltado”; “Nem queria vim, pensando que era a mesma coisa que o CRIAM”; “Eu pensei que era pra ficar preso, né?! Aí eu falei assim: ‘pô não vou ficar nem uma semana lá, vou embora’.”*

O próximo capítulo é destinado à análise de um componente específico da 'vida no tráfico', sem o qual sua compreensão estaria incompleta: as implicações na saúde advindas dessa participação. Preservando a coerência com a linha de estudo e investigação até aqui adotada, serão mantidos os mesmos procedimentos teórico-práticos, encarando-se mais uma vez os depoimentos como condutores da narrativa e, conseqüentemente, de sua análise. O leitor logo perceberá que procuramos distanciar-nos de uma concepção mais hermética, que concatena 'saúde' apenas com a ausência de doenças, para aproximar-nos de seu conceito

mais amplo e socialmente determinado, a fim de demonstrar que os agravos impostos àqueles jovens extrapolam a esfera pessoal, acumulando-se e avolumando-se em um movimento complexo que abarca desde seus familiares até à própria sociedade.